

De outros carnavais...

Entrevista com o antropólogo Roberto Da Matta

Em 21 de julho de 1997, o antropólogo Roberto Da Matta nos recebeu em sua casa em Jardim Ubá, Niterói. “Ah, vocês querem falar de festa!”, foi logo nos introduzindo ao clima festivo de sua casa, com netos, esposa, boas comidas e muitas histórias. Em seu gabinete, narrou-nos sua trajetória pessoal, desde a infância – rememorando a época em que costumava freqüentar bailes de carnaval e assistir a festejos regionais – até a vida adulta – da pesquisa etnológica entre os índios Apinajé, do estado de Goiás (quando era integrante do projeto Brasil-Central em Havard) às teorias sobre o Brasil, suas festas e sua identidade.

O autor de *O mundo dividido; Carnavais, malandros e heróis; A casa e a rua*, entre tantos outros livros e ensaios, assume como desafio a interpretação da sociedade brasileira em seus dilemas e ambigüidades. Dividindo seu tempo entre Niterói e a Universidade de Notre Dame, nos Estados Unidos, onde é atualmente professor, continua a publicar artigos sobre a especificidade da cultura brasileira, da qual compartilha a paixão pelo carnaval. Daí o sentido das palavras que se seguem...

velhos carnavais

O carnaval era muito importante para minha mãe. Minha mãe era uma mulher que tocava piano muito bem, poderia ter sido uma grande pianista se não tivesse gerado seis filhos. Tinha um casamento tipicamente brasileiro, foi uma mulher tipicamente, digamos assim, oprimida, não por maldade mas pelas condições sociais e culturais que ela viveu. Meu pai era um homem muito controlador. Minha mãe tocava as músicas de carnaval todas, todas as músicas americanas, tocava música clássica.

Lembro de minhas experiências no carnaval em Maceió. Mamãe botando batom na gente. "No carnaval, homem pode usar batom, meu filho". Mostrava retrato de meus tios vestidos de Rodolfo Valentino, meu tio se fantasiou de *sheik*, era um tipo muito *Don Juan*... Bonito pela fotografia, um pouco estranho, porque parecia artista de cinema de 1920. Aquela fotografia em preto e branco, as sobrancelhas acentuadas. Mamãe nos fantasiou de pierrô. Mas eu queria me vestir de *cowboy* ou de piloto. Estávamos lá: eu e meus quatro irmãos vestidos de Pierrot com a carinha triste.

Uma das coisas que explica porque conseguimos fazer antropologia é que não tem quem não goste de falar de si próprio; até índio gosta de falar de si, de sua biografia. É bom falar da gente.

parentesco

Eu sou de Niterói. Meu pai era fiscal de consumo. Ele viajou o Brasil inteiro. Era uma família interessante: minha mãe amazonense, meu pai baiano. Eles se conheciam em Manaus, desde crianças, porque eram filhos de viúvos que se casaram. Um negócio complicadíssimo.

Muitos anos depois, conversando com minha irmã e meus irmãos, concluímos que o casamento dos nossos pais foi um casamento, do ponto de vista social, incestuoso. Minha mãe soube, entendeu, e passou um esfrega. Claro que eles não eram parentes, do ponto de vista biológico, mas foram criados juntos. Imaginem só a confusão de categorias. Quem estuda a lógica do parentesco sabe. Você é enteado e cunhado das mesmas pessoas. Você misturou a afinidade com a consangüinidade. Mas o que aconteceu? Isso eu aprendi logo que comecei a estudar antropologia... Porque o casamento é a busca da exogamia. Porque as pessoas quando se apaixonam ficam encantadas com o outro porque esse outro é o objeto do desejo. Essa coisa de estudar uma cultura diferente da sua, e o casamento é isso. Você sai da sua casa. No caso dos meus pais, isso não aconteceu. Eles ficaram na mesma casa. Então eles eram muito diferentes e parecidos.

feira do interior entre os Apinajé

Meu doutorado foi sobre os Apinajé. Eu depois armei uma pesquisa com patrocínio da Fundação Ford e voltei com dois alunos para estudar uma festa de São José que os Apinajé faziam na aldeia. A festa era um momento em que se verificava uma carnavalização porque os índios se vestiam de brancos e os brancos entravam na aldeia e se comportavam como índios. Mas havia um conagraamento. Os Apinajé faziam postes. Era uma festa típica de interior. Levantavam mastro de santo, havia alferes da bandeira. Enfim, era uma coisa interessantíssima, e eles é que eram os anfitriões. De manhã já estava todo mundo vestido.

O motivo era a celebração de São José. Quer dizer, os índios faziam a festa de um santo ibérico tradicional do panteão católico e convidavam os sertanejos que moravam em volta. Era uma festa de integração étnica que eu pretendia estudar. Quando cheguei com essa equipe – dois alunos – o encarregado nos disse que a festa tinha sido cancelada, foi realmente um choque. Pela primeira vez presenciei um fenômeno típico de situação de contato. Os regionais, os sertanejos, a elite da cidade e os índios se solidarizaram todos contra o encarregado.

Eu acho a antropologia brasileira mais interessante que a americana. Há uma diferença significativa entre o *scollar*, o acadêmico, que é o professor americano e inglês, e o intelectual que é o caso alemão e francês, e o nosso caso. O intelectual é um intérprete da sociedade, e fica embutida a produção científica com a postura política, com uma influência fora do mundo universitário.

da festa da aldeia para a aldeia das festas

Uma coisa fundamental: como é importante o seu próprio testemunho, a sua própria paixão pelo que está fazendo. É uma coisa que eu não tinha quando estudava índio. Quantos antropólogos podem se associar a uma cultura estranha a sua para praticar uma análise como Malinowski praticou dos trobriandeses ao falar de sua vida sexual, dos seus sonhos sexuais? Que intimidade incrível que esse sujeito teve. Aí você valoriza a minha pesquisa

apinajé em perspectiva. É uma pesquisa realmente muito pobre, eu imitei muito... Tenho hoje uma série de críticas. Não estou dizendo que vou jogá-la fora. Foi uma espécie de noivado que me preparou para um grande casamento, que foi com a análise da sociedade brasileira, o que eu gosto de fazer. Porque a minha primeira motivação profissional era ser escritor, que é o que eu acho que eu sou. Como Clifford Geertz que faz comentários sobre a cultura ocidental. Não que eu seja um Geertz brasileiro, o que eu nem quero...

as entrelinhas da crítica

Quando eu voltei aos Apinajé – já tinha feito o meu exame de doutoramento –, no final de 69, o Brasil estava virando ditadura. Era uma situação muito difícil, beirava a guerrilha urbana. Naquela época a gente não telefonava tanto, não tinha internet. O Brasil estava mais longe. A situação era preocupante, sobretudo para quem era intelectual e fazia antropologia. Era uma coisa de muita responsabilidade.

Éramos muito jovens naquela época. Certo dia, recebi um disco do Caetano Veloso. *Tropicália*, claro. Ouvi *Tropicália* e fiquei encantado. Tive vontade de analisar essas letras, entender o que elas queriam dizer. Eram letras de uma grande ambigüidade, tinham uma certa ironia, parodiavam certas situações, faziam críticas aos militares que ninguém evidentemente entendia. Nem sabíamos se era uma crítica ou não.

Quando eu ouvi *Noite dos mascarados*, com o Gilberto Gil e a Nara Leão, estava lá em casa (em Cambridge) com os meus amigos, comemorando minha passagem no exame de doutoramento. Ao ouvir esta canção, pensei: “quando eu chegar no Brasil vou fazer uma análise desta música”. Naquela época eu tinha descoberto a obra do Victor Turner, que depois se tornou um grande amigo. No meu livro sobre os Apinajé eu apliquei um conceito inspirado na sua obra (“comunidade de substância”), mas o meu *adviser* não gostou muito.

Cambridge e o (re)encontro com a ambigüidade

Conheci, em Cambridge, muitos daqueles rapazes de cabelão comprido, aqueles meninos americanos cujos pais tinham estudado nas melhores universidades e cujo objetivo da vida é fazer uma agenda – todo americano tem uma agenda, pois a competição lá é muito forte. Eu falava para eles que seria interessante que eles entrassem num navio e fossem para o Brasil. Se eles queriam repressão, confusão e hibridismo, porque não iam para o Brasil? Mas estudantes brasileiros iguais a mim iam para os Estados Unidos porque o que nós queríamos era fugir daquela coisa toda. Queríamos o silêncio, um mínimo de ordem.

Era como se, nos anos 60 a antropologia inglesa, digamos... eu diria mais, a cultura anglo-saxã dos anos 60, descobriu uma coisa que nós no mundo luso-brasileiro, ibérico, mais híbrido, tínhamos descoberto há muito tempo. Descobriram nos Estados Unidos sexo, política e festa – três coisas explosivas ao mesmo tempo. Toda cultura conhece isso. Mas entre os americanos, para quem tudo isso estava reprimido, esse negócio veio à tona. Então descobriam o paradoxo e a ambigüidade, o que caracterizava muito o movimento *hippie*.

um lugar ao sol para a antropologia britânica

Os antropólogos ingleses foram influenciados por correntes estruturalistas. Uns soldadinhos de chumbo tipo Rodney Needham, repetidores, se apropriaram da obra de Claude Lévi-Strauss de uma maneira mais inglesa, mais quadrada. A obra de Needham não comportou a ambigüidade, manteve as duas colunas. Mas pessoas como Victor Turner destoavam deste modelo inglês. Turner, que não era inglês mas escocês, que tinha passado pela literatura, que tinha gostado de William Blake, e que era um cara religioso, católico de conversão, era muito preocupado com a questão do efêmero, com a festa, com os encontros, com o amor. Ele era um indivíduo muito romântico. Dizia assim para mim: "tem mulheres nesse mundo que a gente não pode deixar de amar, embora a gente sempre seja apaixonado pelas nossas esposas". Ele tinha essa preocupação, sempre queria reunir alunos, e os reunia porque tinha uma capacidade, uma energia muito grande, uma certa disponibilidade.

A alma do homem está nas entrevistas que a gente faz, nas histórias que contamos e que sobrevivem. A gente sobrevive, talvez sim, talvez não. Nós somos as histórias que a gente cria uns sobre os outros e que os grupos conseguem criar.

Michael Jackson e Ney Matogrosso

É claro que na visão anglo – e se vocês relerem dentro desta perspectiva Mary Douglas, o próprio Turner ou Leach – a ambigüidade é negativa, afinal são ingleses. Não há lugar para ambigüidade na cultura inglesa. No regime ideológico britânico e americano, evita-se aquilo que está no meio. Mas para um antropólogo brasileiro, esse quadro muda. O Brasil possui uma cultura em que a ambigüidade é valorizada – aquilo que está no meio, resolver não resolver, decidir não decidir, “deixar para amanhã que amanhã a gente resolve”. A maneira de resolver brasileira prolonga mais. Roberta Close foi a mulher mais desejada do Brasil. Os travestis são deslumbrantes. Isso vende muito... A ambigüidade do Ney Matogrosso é diferente da ambigüidade do Michael Jackson. Ney Mato Grosso é muito mais abertamente erótico. Michael Jackson tem que ficar fazendo uma certa androginia de menino, ele se aproxima mais do complexo de Peter Pan. E Matogrosso tem uma sensualidade baseada no ambíguo.

carnavalizando

Eu quero entender o Brasil através das festas.

Comecei a me perguntar "as músicas que definem o carnaval, quantas são?". São pouquíssimas. Tem Lamartine Babo, com o qual abro inclusive um artigo – “quem foi que inventou o Brasil/foi seu Cabral/foi seu Cabral/ no dia vinte e dois de abril/dois meses depois do carnaval”. O que Lamartine fez: carnavalizou a história oficial do Brasil, fazendo com que ele seja descoberto depois do carnaval. Genial.

Então, quando eu comecei a fazer pesquisa sobre o carnaval, descobri que não havia nada “sério” sobre o carnaval. Não era uma estrada real para entender o Brasil. Estudava-se a história das etnias, a história do povo, o que fez Gilberto Freyre. Estudava-se a história da

família patriarcal ou a história dos oprimidos. Essa era a estrada real. Havia que se passar por isso para entender o Brasil. Mas agora paga-se pedágio para a estrada real, há a polícia rodoviária e uma porrada de automóveis circulando junto com você, te atrapalhando. E as histórias secundárias? É o "sabe quem está falando", é o carnaval que ninguém tinha visto.

a metáfora tropical

O carnaval é uma festa nacional. Se está mudando, se não está mudando, o que significa isso? Por isso, a minha *démarche* não é histórica. Tenho sido acusado por alguns colegas de não ter estudado a história. Meu interesse não era estudar a história, meu interesse era implantar a temática, fazer uma provocação.

Este carnaval não é metáfora, o Brasil não pode ser metaforizado só pelo carnaval. O Brasil tem várias leituras de si próprio. Há que se entender a sociedade por uma lógica de englobamento; não é só isso ou aquilo. Às vezes a sociedade é englobada por uma visão de si própria, às vezes não, exatamente como acontece no Brasil. Algumas dessas visões podem ser reprimidas, você cria as identidades assim. O Brasil é uma sociedade com uma lógica tripartida. Eu até hoje fico muito chateado quando algumas pessoas querem fazer uma crítica do meu trabalho – super legítimo – mas fazem esta crítica dizendo que eu sempre estou vendo tudo em dualismo; justamente a contribuição que estou querendo dar é dizer que o Brasil não pode ser lido dualisticamente. O Brasil não é um país só de opressores e oprimidos, tem alguma coisa sempre no meio, a relação é importante.

pelos lentes da festa

Jorge Amado tem razão quando diz que o Brasil é o país do carnaval. Mas como país do carnaval com um regime autoritário? E a fascinação pelo autoritarismo? Mas isso eu estava escrevendo na década de 70, não estava fazendo isso em 1997, onde todo mundo pode esculhambar todo mundo, onde a polícia está na rua dando tiro no exército. Nós estamos vivendo um regime democrático. Eu estava escrevendo isso na época da ditadura, onde a esquerda antropológica, a intelectualidade que era hegemonicamente de esquerda, não via esses assuntos como legítimos para análise. Tinha que estar estudando classe operária e camponês.

Rituais? Era um epifenômeno... O ritual não era visto como uma coisa que instaurava, era uma consequência, uma visão clássica do marxismo, a perfumaria da superestrutura. Aliás, no máximo, era um arrote da superestrutura, para usar uma expressão feia. E no caso do Brasil, que obviamente eu verifiquei quando comecei a estudar o carnaval, qual é o maior paradoxo? Aprendi com Lévi-Strauss. Desconfie dos modelos dados pelos nativos. Se os nativos não falavam naquilo é que aquilo devia ser importante. E se falavam demais de economia e política, provavelmente não era importante. Quem falava disso era aristocrata. A esquerda brasileira estabeleceu uma aristocracia, com número 1, número 2, quem fala primeiro, quem fala em segundo lugar etc. Os ideólogos montaram um sistema e eu não conseguia romper.

Quando eu encontrei o Jorge Amado a primeira vez na Bahia, perguntei: Flaubert disse “eu sou Madame Bovary”, você diria que é Dona Flor?

os saberes locais e o popular cósmico

Sobretudo, a fascinação pela inteligência da cultura popular. Lamartine Babo, que escolaridade esse cara tinha? É uma sociologia espontânea, ela é muito mais sabida, muito mais inteligente do que aquilo que eu estava lendo produzido por meus colegas. Superestrutura, infra-estrutura, tudo em conflito, os burgueses querem controlar os operários. Fazer uma pesquisa durante um mês, um ano, e concluir isso eu achava que era uma perda de tempo. Eu queria saber porque essa sociedade que tinha ricos e pobres, opressores e oprimidos, aristocratas e escravos, produzia um negócio chamado carnaval, em que os escravos podiam se vestir de nobre. Que negócio é esse? Íamos aprender a dançar samba com as nossas empregadas. Hoje se aprende pela televisão, graças ao Gera Samba [“É o Tchan”]. Isso é uma agressão para muita gente da classe média alta, intelectual cosmopolita, basta ver artigos que estão saindo agora no jornal. Porque aquilo ali é preto no preto, branco no branco, homem com mulher, não tem negócio de viadagem, negócio de ambigüidade, de menino do Rio, aquelas coisas de Caetano Veloso. É aquilo ali: mete em cima, mete em baixo, depois de nove meses você vê o resultado. Segura o *tchan*, entendeu? É uma espécie de popular cósmico. Volta às origens. Um cara chamado Adão e uma mulher chamada Eva. A serpente aparece depois para expulsar os caras do paraíso, onde se estabelece um paradoxo. Eu fiquei impressionado quando vi aquele negócio.

a tal identidade nacional

Agora o panbrasileirismo da minha obra vem da minha família. Eu ouvia história do Bumba-meu-boi do Amazonas quando era criança. Tocava as músicas do Bumba-meu-boi e cantava. "Pai Francisco entrou na roda..." é música folclórica que os meninos sabem. Mamãe cantava para os netos, tocava no piano e cantava. Era uma coisa Bahia-Manaus: comidas amazonenses, comidas baianas, morando no Rio de Janeiro e Minas Gerais. Então o regional para mim é que é a afronta. O Brasil é todo igual, eu morei em todos esses lugares e nunca precisei fazer nenhum esforço de tradução de nada. Sabia exatamente como eu tinha que me comportar.

Por que os regionais se projetam de maneira nacional para poderem ser regionais de sucesso? Você tem que ter uma afinidade entre sua imagem regional e uma coisa chamada imagem nacional que é uma síntese da imagem das outras regiões. É muito mais complicado do que falar que o Brasil é simplesmente um mosaico, dividindo as regiões. Isso é um dos elementos da minha obra.

eu acho difícil imaginar o Brasil sem carnaval...

carnavalizando nossa identidade

Essa liberdade, essa ausência de definição ou essa definição por ausências, talvez seja o nosso dado mais interessante. Talvez o Brasil seja o país do futuro... É possível corrigir as injustiças através de outros mecanismos. Talvez um mundo futuro seja um mundo em que

as identidades sejam superadas e substituídas por outras. Talvez não. Talvez sejam mais acentuadas. Para Huntington, aquele cientista político de Harvard, no futuro, o maior rival da sociedade nacional serão as diferenças étnicas. Evidentemente, ele está partindo da experiência americana. Talvez, no caso brasileiro, não seja esse o problema.

Sempre haverá alguma diferença. Nesse ponto, eu concordo com o princípio básico do estruturalismo de que só há significado com oposições e diferenças. Agora, que diferenças serão estas, isso eu não posso dizer.

O que é intrigante é isto; há sociedades que tem uma válvula de escape muito poderosa. O carnaval tem este aspecto de um mecanismo onde a sociedade se reencontra nas suas misérias. Um dos pontos teóricos mais interessantes sobre o carnaval é: afinal de contas, o que o carnaval celebra? Porque todas as festas tem um centro, tem um foco. A festa de aniversário, o funeral, um ritual religioso... No carnaval, qual é o foco? O carnaval descentraliza, muita coisa acontece ao mesmo tempo. Ele cria uma série de eventos paralelos, desfile de escola de samba, os bailes, as fantasias de rua, dissolve as instituições. E o carnaval tem outro dado, que depois eu escrevi mas não publiquei, que é uma comparação entre a formalidade e a informalidade das situações sociais - uma especulação. As festas formais são curiosas porque elas só pedem seu corpo, só querem o bom comportamento, mas as orgias, que são informais, pedem teu corpo e tua alma. No carnaval, você tem que brincar; o teu contrato com a situação, a tua convivência com a situação, ela tem que ser integral. Que interessa você chegar num baile e não dançar?

orgia onívora

Como toda orgia, o carnaval tem essa capacidade de permitir múltiplas interpretações. Eu não sei o significado do carnaval. O carnaval celebra o mito da sexualidade? Qual é a festa que não celebra de alguma maneira a sexualidade? Até as festas religiosas. Como pensava Freud, tudo é baseado em libido, a motivação para se fazer a festa. Não se vai brincar de carnaval com a relação que se tem no cotidiano. Jogo de forma e fundo. As festas fazem isso de maneira geral: mudam a perspectiva. Mas o carnaval muda de uma maneira específica. Eu ainda continuo interessado nesse código que implanta essa possibilidade que não é exclusiva. Essa pauta musical não vai ser interpretada sempre do mesmo jeito. Como ela é uma pauta musical ela vai variar segundo certos limites.

Por que o Brasil é o grande herdeiro da tradição medieval que o Bakhtin descreve tão bem? Por que em nenhum outro país do Novo Mundo aconteceu isso? Estados Unidos jamais. Lá o carnaval é localizado, é regional... Não se vai a um baile de carnaval para ficar incólume, ninguém assiste a um desfile de escola de samba incólume. Veja o nosso ex-presidente Itamar que não me deixa mentir. O presidente da República ou um governador de Estado que quiser correr o risco de ser desmoralizado, vai a um baile de carnaval. Itamar foi, flertou com aquela moça (porque carnaval é um momento onde se flerta abertamente). A moça já foi sem calcinha... A mais alta autoridade do país foi carnavalizada. E o sujeito se liquidou. Ninguém conseguiu englobar politicamente o carnaval, ou por falta de teoria sobre o carnaval, o que significa que estamos lidando com um elemento que a sociologia tradicional não nos deu instrumentos para compreender inteiramente.

Se você pagar o folclore brasileiro, reisados, congadas, tem muita coisa semelhante ao carnaval. Há uma certa hierarquia. Esses populares estão observando os aristocratas nas suas fazendas, nas suas mansões, nas suas casas grandes, estão se vestindo como tais, tudo é muito ritualizado. O próprio candomblé tem muito desse ritual, algo que veio da corte. Nas paradas militares, nas procissões isso também aparece.

Congadas e Reisados são no mais das vezes dramas em que também se inverte o mundo. Os reisados alagoanos, pelo menos alguns, fazem dramatizações de golpes de Estado. Os embaixadores visitam reis, há a guerra de mouros com cristãos etc. É o passado voltando a ser presente. Isso tudo ocorre nas festas populares. Elas têm um foco mais bem definido que o carnaval. O carnaval reúne esses elementos todos. Como diz o Bakhtin, o carnaval é **onívoro**, ele vai digerindo tudo que é moderno, tudo que é antigo. Ele pode integrar; fazendo uma síntese toda especial, inclusive das festas religiosas.

ethos e identidade

Eu acho que o carnaval é um dos mecanismos através dos quais a gente expressa a nossa identidade. Evidentemente, sempre por contraste. Nunca falei em caráter - caráter é um traço. Identidade, para mim, sempre foi uma coisa muito mais leve, muito mais contextual. A identidade é fugidia, ela é demarcada por contextos. (Há um exemplo maravilhoso, que está em algum trecho de Louis Dumont). Veja o exemplo do Rio e São Paulo: você constrói a identidade carioca e a identidade paulista, que é a mesma coisa entre Lisboa e Porto. No Rio de Janeiro, praia, carnaval, os cariocas não trabalham; em São Paulo, ao contrário, se trabalha. Mas, se um paulista e um carioca forem a Nova York, essa diferença desaparece e eles serão englobados numa identidade brasileira em oposição a uma identidade calvinista, puritana, americana, que é hipócrita, que segue as regras. Aquele negócio de americano que nunca tem tempo para nada, não aprecia a vida, nunca toma uma bebidinha...

um americano pode dizer que quando pensa nos EUA, ele pensa na bandeira americana; nós não nos pensamos assim. Eu penso no carnaval da Bahia, numa praia, no sol, uma família, uma varanda, as pessoas conversando.

Jorge Amado, que eu tinha lido na faculdade, era leitura obrigatória (a gente só lia os comunistas). Jorge Amado é um comunista que deixou de ser comunista, como disse eu duas vezes em dois artigos sobre o *Dona Flor e seus dois Maridos*. Jorge Amado, quando saiu do partidão, se permitiu a liberdade de escrever este tipo de coisa. Eu, como não entrei em partido algum, já comecei com essa história de ambigüidade... Basta você observar o carnaval. Se não é o país do carnaval, como é que se explica o autoritarismo? Carlos Lacerda? UDN? O sucesso eleitoral extraordinário do Jânio Quadros que é eleito com a vassoura, que vai limpar a corrupção, a bandalheira?

Fernando Henrique Cardoso

O que estão pedindo para o Fernando Henrique, mas graças a Deus ele não faz? Querem que ele vá apoplético para uma rede de televisão dizer que vai mandar prender a polícia, dar comida para pobre e não sei o quê. E sabe que não pode fazer porque a sociedade democrática tem uma série de instâncias. Essa visão praticamente primitiva do poder do

presidente que é frazeriana: o presidente é o sacerdote, é o mago, e sua vontade política poderia resolver todos os problemas do Brasil. É uma visão elementar, incompatível com um regime democrático numa sociedade pós-moderna. As pessoas que estão pedindo isto estão entrando numa pastelaria querendo comer comida francesa. Estão num restaurante francês querendo comer carne seca com tutu. A coisa é muito mais complicada. Tem um Congresso funcionando, são seiscentas pessoas, tudo tem uma dinâmica. E o presidente, na realidade, é um diretor de cinema, ele é o gerenciador de certas coisas. É claro que tem responsabilidades. Mas para que esse poder executivo se normalize no Brasil é preciso acontecer o que está acontecendo: o Congresso, as alianças com pessoas diferentes.